Nós que aqui estamos a vós ajudamos

José Cláudio Alves de Oliveira[1]
Edvania Gomes de Assis Silva[2]

DOI: https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i40.57838

Resumo: O presente artigo reflete, e tem como origem e base, a pesquisa, iniciada em 2006, voltada para os Ex-votos, aprovada em maio daquele ano pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq -, com auxílio à pesquisa nas salas de milagres dos santuários do Brasil, pesquisa que foi iniciada pelos grandes santuários e suas salas de milagres, capelas individuais, cruzeiros e cemitérios. E são os cemitérios que estão aqui evidenciados como patrimônio cultural, da memória social, da história, da arte e a arquitetura. Para tal argumento, o texto traz informações e registros colhidos na pesquisa supracitada, apresentando três casos ilustrativos. E como argumento, autores brasileiros e internacionais que fundamentam as questões aqui explicitadas e articuladas para uma proposta em que enquadra o cemitério não como lugar tão-somente da morte, mas como espaço que, além de fonte científica a diversas disciplinas, lugar de esperança e gratidão.
Palavras-chave: cemitério, ex-votos, memória social.

We who are here help you

[1] Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. Pós-doutorado em Comunicação e Tecnologias, pela UMinho, Portugal (FAPESB BOL2757/2012, CAPES BEX18009/12-3). Pós-doutorado PNPD/CAPES em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (88882.317832/2013-01). Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade na Universidade do Estado da Bahia. Professor Associado IV do Departamento de Museologia da UFBA. Professor permanente dos Programas de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e Museologia da UFBA (PPGMUSEU). Pesquisador do CNPq. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Museologia da UFBA (PPGMUSEU). Coordenador do Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos. Email: claudius@ufba.br.

[2] Possui Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2010), Doutorado em Linguística (2006) e Mestrado em Lingüística (2004) pela mesma instituição e Graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2002). Atualmente, é Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (CAPES / UESB) e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (CAPES / UESB). Atua na área de Linguística, área de concentração em Análise de Discurso, com ênfase nos seguintes temas: discurso religioso; polêmica discursiva e interdiscurso; aforização. Email: edvaniagsilva@gmail.com.

Abstract: This article reflects, and has as its origin and base, the research, started in 2006, focused on the Ex-Votes, approved in May of that year by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq -, with research assistance in the miracles of the sanctuaries of Brazil, research that was initiated by the great sanctuaries and their miracle rooms, individual chapels, cruises and cemeteries. And it is the cemeteries that are shown here as cultural heritage, social memory, history, art and architecture. For such an argument, the text brings information and records collected in the aforementioned research, presenting three illustrative cases. And as an argument, Brazilian and international authors who base the issues explained and articulated here for a proposal that fits the cemetery not only as a place of death, but as a space that, besides being a scientific source for several disciplines, a place of hope and gratitude.
Keywords: cemetery, ex-votos, social memory.

Nosotros que estamos aquí te ayudamos

Resumen: Este artículo refleja, y tiene como origen y base, la investigación, iniciada en 2006, centrada en los Ex Votos, aprobada en mayo de ese año por el Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq -, con asistencia a la investigación en milagros. de los santuarios de Brasil, investigación que fue iniciada por los grandes santuarios y sus cuartos milagrosos, capillas individuales, cruceros y cementerios. Y son los cementerios los que aquí se muestran como patrimonio cultural, memoria social, historia, arte y arquitectura. Para tal argumento, el texto trae informaciones y registros recogidos en la investigación antes mencionada, presentando tres casos ilustrativos. Y como argumento, autores brasileños e internacionales que fundamentan los temas aquí explicados y articulados para una propuesta que encuadre el cementerio no solo como lugar de muerte, sino como espacio que, además de ser una fuente científica para varias disciplinas, un lugar de esperanza y gratitud.
Palabras clave: cementerio, exvotos, memoria social.

Recebido em 17/01/2021 - Aprovado em 05/04/2021

Apresentação

Entre 2006 e 2017, com auxílio do CNPq e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB -, o Projeto Ex-votos, com o interesse em iconografar e estudar as tipologias e gramáticas dos ex-votos, cumpriu três etapas de pesquisa de campo, com incursões a diversos lugares que possuíam museus, santuários, salas de milagres, cemitérios e cruzeiros.

A primeira fase, a brasileira, estendeu-se até 2011, quando o Projeto Ex-votos do Brasil mapeou e analisou ex-votos de norte a sul, de leste a oeste do país, identificando diferenças regionais, novas tipologias, gramática da escrita e da arte e fontes discursivas que mostram histórias de vida coletiva e individual.

No período internacional, entre 2012 e 2017, com o "Ex-votos das Américas" e "Ex-votos do México", houve o mapeamento de salas de milagres e museus que traziam ex-votos. O estudo identificou e documentou as fontes em salas de milagres e museus, aplicando a análise iconográfica dos acervos.

Mas onze anos em incursões em diversos lugares foi mapeado um pequeno quantitativo da figura cemiterial voltado ao elemento ex-votivo. Nos Estados Unidos, pudemos registrar a sala de milagres do cemitério de Saint Roch (São Roque), em Nova Orleans; e no Brasil, no Cemitério da Consolação, em São Paulo, dois sepulcros de santos populares. Outros casos encontrados diziam respeito a sepulcros fora dos cemitérios.

Em 2019, com o projeto no doutorado do PPGMLS (Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade) da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) – iniciando a "etapa América do Sul" –, veio a oportunidade de aprimorar, debater e dialogar sobre o ex-voto e os seus espaços nos quesitos Memória, discursos e linguagem. E um dos lugares já mapeados está na Argentina, em San Juan. Trata-se da sala de milagres e da cova da Defunta Correa. Novamente, a reflexão e a questão cemiterial perpetuando no caminho do Projeto Ex-votos.

Com esse percurso, este que podemos, de forma geral, denominar "Projeto Ex-votos", em continuidade das bases que implementou no Brasil e nas Américas Central e do Norte, com os mapeamentos que abrangem o mais recôndito local de desobriga ex-votiva, ao mais reluzente e conhecido ambiente que possui rica tipologia de acervo, e agora com mais um apoio do CNPq, vem aqui neste escrito destacar um espaço que guarda ambientes que também processam a comunicabilidade do ex-voto, o cemitério. Dessa forma, não visto, aqui, como espaço que recobra à morte, mas ao contrário, fonte de estudos e de cultura das causas da vida, do trabalho, da crença, religião, da saúde e da arte.

Neste momento preciso, e com argumentos suficientes para trazer o diálogo e o discurso científico, todo o aprendizado concretizado de 2006 aos dias atuais podem e devem ser mais um componente que possibilita a derrubada de barreiras e preconceitos quando falamos do cemitério, pois aqui, ao contrário do que "as almas pensam", ele é tratado como o lugar onde muitos salvam muitos, onde quem se foi proporciona a graça daquele que pede.

Aqui estará o cemitério como espaço do patrimônio cultural, que atrai pessoas que vão a ele prestar, além da dor e da lamentação pela morte, a esperança da vitória ou a consagração pela conquista.

O cemitério: etimologia

A palavra cemitério, de origem grega, significa originariamente, dormitório. Esta significação é bastante coerente com a tradição judaico-cristã, em que a morte é o "dormir em Cristo", do corpo à espera da ressurreição. Ela também reflete ao espaço democrático, onde estão sepultadas pessoas de todas as classes sociais e credos, assim como é a diversidade sociocultural nas metrópoles. (MAGNO et al, 2014)

Os dicionários e as enciclopédias nos trazem definições e conceitos bastante simplificadores quando buscamos a palavra Cemitério.

Num mundo cada vez mais conectado, procuramos na Wikipédia, e encontramos um pequeno texto que revela o cemitério como a necrópole ou sepulcrário, lugar onde são sepultados os cadáveres. Mas em um dos seus trechos está a observação de que, "na maioria dos casos", os cemitérios são lugares de prática religiosa. Ou seja, a possibilidade de que ele não pertence apenas à classe do que já morreu ou ao ato de enterro e sepultamento.

Ainda nessa mesma enciclopédia, e por analogia, "chama-se cemitério um lugar onde se enterram ou acumulam produtos, tipicamente resíduos e detritos (por exemplo, cemitério de resíduos nucleares)". (Idem) Quer dizer, a palavra cemitério não é somente aplicada ao corpo humano, mas faz alusão ao tratamento daquilo que pereceu, a exemplo de amontoado de carros abandonados, objetos que não se usa mais e que estejam acumulados ou jogados em galpão, sala, quintal ou algum terreno público.

Já buscando os marcos de origem e etimologia, a supracitada enciclopédia – a mais consultada do ciberespaço – explicita que a palavra "cemitério" vem do termo latino tardio *coemeterium*, derivado do grego *κοιμητήριον* [*kimitírion*], a partir do verbo *κοιμάω* [*kimáo*], que deriva do verbo "pôr a jazer" ou "fazer deitar" foi dada pelos primeiros cristãos aos terrenos destinados à sepultura de seus mortos[3]. (Ibidem)

Já no dicionário Aurélio Online de Português[4], simplifica um pouco mais e o traz o substantivo masculino e a definição para o "lugar onde se enterram os mortos ou se guardam cadáveres". E que possui três sentidos figurados, assim sendo:

a)Lugar onde ocorre muita mortandade, massacre, matança.

b)Lugar deserto e silencioso: meu bairro é um cemitério!

c)Local usado como depósito de coisas velhas e usadas.

[3] A partir do conceito trazido na Wikipedia, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemitério#:~:text=Cemitério%2C%20necrópole%20ou%20sepulcrário%20é,%2C%20cemitério%20de%20resíduos%20nucleares). Acessado em 06 de janeiro de 2021.

[4] Disponível em https://www.dicio.com.br/cemiterio/. Acessado em 06 de janeiro de 2021.

No quesito etimologia, o mesmo dicionário acompanha os traços da Wikipedia, mas explicita a pluralidade, o gênero e o sinônimo principal, que é a necrópole.

O citado dicionário e a Wikipédia estendem mais o conceito e etimologia perante as parcas definições trazidas por agentes históricos dos conceitos, como as tradicionais enciclopédias. Claro, falamos delas a partir das versões na internet. A Barsa[5], por exemplo, limita-se a revelar que o "sepultamento dos mortos representa, para a maior parte das culturas, uma das principais obrigações familiares. A Bíblia cita a gruta de Macpela, comprada por Abraão para servir de sepulcro a sua família".

A enciclopédia Britannica Escola[6], ainda mais simplificada, e em apenas uma linha, traz o conceito como substantivo masculino, de local onde se enterram os mortos, de um local arborizado.

Mas de forma específica, e num dos campos científicos, em uma das obras mais trabalhadas sobre o tema da morte, dos funerais e dos cemitérios, o historiador João José Reis (1991) nos traz o episódio que ficou conhecido como "cemiterada".

No dia vinte e cinco de outubro de 1836, um grande protesto de moradores das regiões de Nazaré, Piedade, Federação e Rio Vermelho, da cidade do Salvador, na Bahia, destruiu o novo cemitério do Campo Santo, que fora inaugurado no dia vinte e dois daquele mês, por uma empresa privada que teria o monopólio dos enterros por trinta anos. Até aquela data, os soteropolitanos eram sepultados nas igrejas da cidade, que foram interditadas para tal, o que gerou uma revolta generalizada, pois a população não aceitou que os seus mortos fossem "enterrados" distantes de suas casas e fora do templo católico. (REIS, 1991)

A proposta da mudança veio da intendência e de uma junta médica, que buscavam a "higienização da cidade", cujo processo foi aconselhado por médicos da sociedade local, com a justificativa de que os "'miasmas mefíticos' produzidos pela decomposição cadavérica atacava a saúde dos vivos". Daí a necessidade do sepultamento em local reservado e longe dos *habitats* e igrejas, principalmente essas, por terem os seus cultos semanais, onde a aglomeração de pessoas nas missas e em outras celebrações aconteciam semanalmente, trazendo o risco à saúde.

Era então necessário expulsar os mortos de entre os vivos como parte de um amplo projeto civilizatório. Em 1836, essa ideologia higienista secular, de inspiração iluminista, entraria em choque com a mentalidade religiosa tradicional e barroca. (Idem, idem)

[5] http://brasil.planetasaber.com/brasil/default.asp?idreg=48065&ruta=Buscador. Acesso em 06 de janeiro de 2021 https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i40.57838

[6] https://escola.britannica.com.br/pesquisa/dicionário/cemitério. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

> A Cemiterada – como ficou conhecido este levante – evidencia um tipo de religiosidade e de cultura funerária em que o local do enterro desempenhava um papel central no projeto de salvação da alma. No Brasil antigo, o enterro nas igrejas significava estabelecer a proximidade entre cadáver e imagens divinas como modelo de integração da alma à corte celestial. (Idem, idem, p. 24)

Todas as pessoas, de qualquer condição social – exceto os escravos condenados à morte -, podiam ser sepultadas nas igrejas, mas é importante destacar que havia uma hierarquia. Havia divisões que classificavam e separavam os sepultamentos das irmandades, que junto às paróquias, reclassificavam os espaços para tal cultura nas igrejas, onde hoje percebemos as lápides epigrafadas, comemorativas ou desafetuosas, principalmente dos mais abastados da sociedade, o que demonstrava a desigualdade social da época, fatores que podemos testemunhar nas igrejas mais antigas de Salvador, Bahia.

O cemitério como patrimônio cultural e fonte da memória histórica

Na busca por um caminho mais extenso que resguarda o cemitério, caminhamos pelo patrimônio cultural, que está arraigado de fontes que se tornam imantes para o dia a dia dos hábitos, do humano com outros animais, com a flora e, principalmente, com o seu construto histórico e social que lega naturezas envolventes em praticamente todos os laços, estejam eles na política, na economia ou na construção dos símbolos. No artigo 216 da Constituição Federal do Brasil de 1988, está a definição de Patrimônio Cultural, como sendo...

> os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
> I – As formas de expressão;
> II – Os modos de criar, fazer e viver;
> III – As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
> IV – As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

> V – Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.[7]

Portanto, o patrimônio cultural é uma fonte inesgotável para as ações que visem o desenvolvimento da pesquisa, da educação e da economia de uma cidade ou região. A economia, neste caso, está relacionada à identificação e ao aproveitamento das potencialidades turísticas de determinada localidade com vistas ao turismo cultural. (CARRASCO; NAPI, 2009)

Mas de modo nenhum as representações sociais têm, pois, apenas a realidade de uma qualquer superestrutura. Com efeito, os sistemas simbólicos de uma comunidade, ou por outra, o seu imaginário coletivo (religião, língua, folclore, mitos, ritos e ícones), são o incessante trabalho através do qual as comunidades humanas se constituem e simultaneamente dão conta da sua existência. (MAGNO, et al., 2014)

Ao falar da constituição da nossa memória histórica, interpretamos as estruturas sociais como representações, como coisas (no sentido de relações sociais reificadas, no sentido de instituição) e como corpo (no sentido em que o corpo e movimento), isto é, quando a interpretamos como estática e como dinâmica, portanto, como tradição e como prospectiva.

Os dinamismos de que é feita a memória histórica de todas as comunidades a constituem como uma realidade complexa e paradoxal. A memória histórica é, simultaneamente, fator de resistência cultural (porque é coisa estabelecida), possibilidade de abertura cultural (porque é movimento e prospectiva) e condições de autenticidade cultural (porque conjuga em permanência o passado, o presente e o futuro de uma comunidade). (HALBWACHIS, 2004)

Acontece, no entanto, que a memória histórica é hoje expressão de uma experiência da identidade que não se revê já na imagem de uma realidade estável, fixa e permanente. A identidade do homem contemporâneo é uma realidade inextricavelmente associada, tanto à experiência da construção do mundo, como à experiência da sua oscilação, pluralidade e erosão.

Vivemos hoje a experiência de uma realidade fragmentada, fecundada por uma condição translocal. E talvez resida aqui o aspecto mais característico da memória histórica das nossas comunidades locais, regionais ou nacionais. A memória histórica participa, é um fato, dessa condição fragmentária e translocal, vivida a todos os níveis da

[7] Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 7 de janeiro de 2021.

nossa existência, a de uma realidade heterogênea (localista) e específica, e simultaneamente homogênea (cosmopolita) e global.

Essa característica da nossa memória histórica, que é expressão de uma condição fragmentária e translocal, e bem ilustrada pelas autarquias locais, a três níveis. A um primeiro nível, a autarquia interpreta a tensão necessária entre *regionalização* (dinamismos sociais descendentes, exógenos) e *regionalismo* (dinamismos sociais ascendentes, endógenos), e ao fazê-lo as segura uma função de resistência cultural, trabalhando assim para a constituição na comunidade de uma memória histórica de resistência. A um segundo nível, a autarquia interpreta também a tensão entre cosmopolitismo e bairrismo, e ao fazê-lo desempenha uma função de abertura cultural, trabalhando deste modo para a constituição na comunidade de uma memória histórica de abertura. A um terceiro nível, a autarquia interpreta a tensão entre individualismo (tecnocrático) e associativismo, e ao fazê-lo exerce uma função que permite a comunidade exprimir-se autenticamente, e trabalha nesse sentido para a constituição na comunidade de uma memória histórica de autenticidade.

Referimos, assim, a uma autarquia que interpreta a tensão necessária entre regionalização e regionalismo, e que ao fazê-lo concorre para a constituição na comunidade de uma memória histórica de resistência cultural. A autarquia é, com efeito, uma expressão de vontade local, mas é também uma consequência da política de racionalização da estrutura administrativa do estado central.

A função de resistência que os municípios podem exercer está diretamente associada à luta por uma efetiva descentralização, ou seja, a luta pela democracia descentralizada, que exige competências materiais e recursos financeiros, e também à luta pela democracia cultural.

Joga-se, assim, na concretização desta função, a consistência política do Estado autárquico (embora local, as autarquias também são Estado). Com efeito, a consistência política do Estado local está diretamente associada à sua capacidade de financiamento, autonomia financeira e liderança de ações de desenvolvimento local. Numa palavra, a consistência política das autarquias locais joga-se na sua capacidade de decisão.

Esta função de resistência cultural exercida pelos municípios está associada, por outro lado, ao fomento de atividades culturais de cariz patrimonial, com incidência na atenção ao folclore, a monumentalidade e a renovação dos centros históricos, ainda que a insistência em ações marcadamente tradicionais possa significar, na presente conjuntura autárquica, de uma ainda comprovada fragilidade de poder, apenas um refúgio, talvez o refúgio possível e o refúgio com menos riscos.

Podemos assinalar, também, que a autarquia interpreta a tensão entre cosmopolitismo e bairrismo, e que ao fazê-lo concorre para a constituição de uma

memória histórica de abertura cultural. Com efeito, é hoje uma realidade das autarquias a necessidade de elas gerirem a tensão existente entre uma vontade cosmopolita, por um lado, representada pelos técnicos municipais, pela tecnocracia local (engenheiros, empresários, planificadores e juristas) e pelos atores culturais (artistas, autores e difusores), e, por outro lado, uma vontade de identificação e de enraizamento local.

O cosmopolitismo, concebido como desenraizamento, é também uma possibilidade de emancipação, uma possibilidade de libertação do fetichismo etnocêntrico, o que quer dizer, uma possibilidade de libertação do terror da *doxa* localista, do terror de bairrismos exacerbados. A partir de espaço-tempo local, o cosmopolitismo pode projetar no mundo a ação humana. Ou seja, as culturas locais tendem a ser tanto mais livres quanto mais multiplicarem entre si e com o resto do mundo as conexões concretas.

Deste modo, o cosmopolitismo é uma verdadeira reinterpretação da vida da comunidade. E a autarquia local pode servir esta abertura cultural, através de uma estratégia centrada na comunicação, que faça confluir dinamismos sociais ascendentes (localistas) com processos sociais descendentes (cosmopolitas).

Insistamos, portanto, no fato de a autarquia interpretar a tensão existente entre o individualismo (tecnocrático) e o associativismo, e que ao fazê-lo concorria para a constituição de uma memória histórica de autenticidade. Por individualismo tecnocrático entendamos a ação daqueles que trabalham na promoção de modelos onde têm papel de maior relevo a eficácia, a rentabilidade, a performance, o cosmopolitismo. E a ação desenvolvida, sobretudo, por empresários, engenheiros, juristas, economistas e planificadores. Por outro lado, denominamos ação associativa a reivindicação de finalidades mais humanas para o progresso e a elaboração de projetos de sociedade onde a autonomia, a identidade, o local, o particular, a diferenciação e o subjetivo ocupem um lugar de eleição.

Esta função autárquica de facilitação da expressão autêntica das comunidades pode ser exercida quando as autarquias abrem os seus quadros técnicos não apenas a engenheiros, arquitetos, juristas, economistas e especialistas em administração pública, mas também quando os abrem a museólogos, historiadores, artistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos e geógrafos, enfim, a profissionais de todas as ciências sociais.

As autarquias facilitam a expressão autêntica das comunidades ao generalizarem uma opção, que está ainda longe de ser maioritária, mas que pode dar lugar a uma via alternativa para o desenvolvimento, e que se traduz no aproveitamento de sinergias locais espontâneas, ou então induzidas através de programas específicos. Esta via alternativa para o desenvolvimento traduz-se também num maior empenhamento naquilo que se

chama a "animação local" e no aproveitamento de potencial cultural que os agentes de desenvolvimento representam.

Esta função autárquica de facilitação da expressão autêntica das comunidades locais passa ainda por outras preocupações. Passa, por exemplo, por uma exigência de qualidade no desenvolvimento. Esta exigência obriga a escolha de soluções para os problemas que salvaguardem as suas implicações ecológicas, ambientais, sociais e culturais. Trata-se de uma obrigação a ser respeitada nas mais diversas circunstâncias: do desenho de uma praça ou dos caminhos municipais ao tratamento de esgotos e a localização de um bairro ou de uma área industrial, da escolha de tipos de casas que respeitem o "*genie du lieu*" e o modo de vida dos futuros habitantes, ao dimensionamento e a arquitetura de um centro cultural. E nesse caminho, o envolvimento dos cemitérios como marcos dos patrimônios paisagísticos, históricos, artísticos, culturais e arquitetônicos, pois eles, além de sua função social, são fontes para o estudo da visão de mundo, crenças religiosas, formação étnica, genealogia, hábitos e costumes de uma população, ao longo do tempo. (MARTINS, M., 2014)

Como dito anteriormente, até a segunda metade do século XIX, era nas igrejas, e em volta delas, que se sepultavam os mortos de certa posição social. Somente os escravos ou condenados à morte eram enterrados a céu aberto, em locais distantes, nas carneiras mais simples com a cruz cristã em madeira fincada à terra. As Irmandades e Confrarias tinham suas igrejas, onde eram inumados os membros dessas congregações e seus familiares. Ser sepultado longe da igreja era uma desonra naqueles tempos. (MAGNO et al, 2014)

Por isso, quando os órgãos governamentais, por questões sanitárias, decidiram proibir o sepultamento nas igrejas, houve uma imensa reação. Como aludido anteriormente, sobre a "Cemiterada", na cidade do Salvador, na Bahia, que se tornou a primeira cidade a cumprir a ordem do príncipe regente que determinava a construção de cemitérios fora dos limites urbanos. Foi marcado o território e dado a uma companhia particular o monopólio dos enterros. (Ibidem)

A manifestação de protesto convocados por populares e pelas irmandades e ordens terceiras de Salvador contra a secularização dos cemitérios e a proibição de enterros na igreja foi de tal força, que mais de 3000 pessoas se dirigiram ao novo cemitério portando machados e alavancas, e promoveram a destruição de túmulos, jazigos e inclusive da capela do local.[8] (REIS, 1991)

[8] Esse momento é também trabalhado em Luís Henrique Dias Tavares, 2009, com visão histórica, e Gilson Magno, Genivalda Cândido e Cid José Cruz, 2014, com estudos voltados para a sociolinguística e a museologia.

Três anos depois, em 1839, a Santa Casa de Misericórdia resolveu comprar o Cemitério do Campo Santo e, aos poucos, num trabalho de educação da comunidade, fazê-lo funcionar.

O primeiro sepultamento aconteceu em 1º de maio de 1844. Mas a alta sociedade baiana só passou a inumar seus mortos no Campo Santo, por volta de 1855, onze anos depois. A partir de então, este se somou a tanto outros belos cemitérios do mundo, graças ao hábito de se erguer mausoléus artísticos e solenes, como forma de homenagear os próprios mortos. (MAGNO, et al, 2014)

O primeiro cemitério da cidade do Salvador, na Bahia, a não discriminar qualquer categoria social, quanto ao sepultamento dos corpos dos seus entes queridos, estava localizado no Outeiro Grande, fora dos limites da cidade, na estrada para o bairro do Rio Vermelho. Hoje ele ocupa uma área de 360.000 metros quadrados, sendo um dos cemitérios mais tradicionais da cidade, constituindo-se também num acervo de inestimável valor histórico e arquitetônico. (TAVARES, 2009)

Em 2005 a Santa Casa de Misericórdia lançou um projeto para o Cemitério Campo Santo virar um *museu a céu aberto*, onde moradores e visitantes podem conhecer os túmulos de personalidades baianas, além de saber mais sobre a arte cemiterial no Brasil. Desde março de 2007, 27 quadras do Campo Santo tiveram as suas estátuas, mausoléus, jazigos e adornos catalogados e abertos à visitação monitorada. Em 2009 foi transformado em museu a céu aberto, quando abriu o circuito de visitação denominado "Circuito Cultural do cemitério Campo Santo". (MAGNO, et al., 2014)

Ao longo do seu circuito, totens em que o visitante encontra uma pontuação da arte cemiterial à sua volta, destacando a concepção do artista, a simbologia presente e biografia de algumas personalidades históricas e curiosidades, o que repercute na memória histórica do lugar, da cidade e das famílias.

O cemitério e a memória

Para Pierre Lévy A memória humana possui dois momentos, o curto prazo e o longo prazo. O primeiro momento é considerado do trabalho, que mobiliza a atenção. "Ela é usada, por exemplo, quando lemos um número de telefone e o anotamos mentalmente até que o tenhamos discado no aparelho". O segundo momento necessita da construção de uma representação "quando uma nova informação ou um novo fato surge diante de nós", pois "esta representação encontra-se em estado de intensa ativação no núcleo do sistema cognitivo, ou seja, está em nossa zona de atenção, ou muito próxima a esta zona". (LÉVY, 1999).

A partir da história, da escrita (epigráfica) e da palavra (a oralidade), preservar e mostrar os testemunhos dos fatos são formas de preocupação cultural com os signos que

se transformam diariamente. Daí a articulação que Lévy faz com questões que vão de Gutenberg a Bill Gates. Para Lévy, "à medida que passamos da ideografia ao alfabeto e da caligrafia à impressão, o tempo torna-se cada vez mais linear, histórico. A ordem sequencial dos signos aparece sobre a página ou monumento". (LÉVY, Idem)

Desde que a história se tornou efeito da escrita, trabalhada e discutida por personagens que a contextualizam, ela pode "ser constituída, fruto da dialética do ser e do devir...", mas um devir "secundário", relativo ao ser, capaz de "desenhar uma progressão ou um declínio".

> "A partir de então, a memória separa-se do sujeito ou da comunidade tomada como um todo. O saber está lá, disponível, estocado, consultável, comparável. Este tipo de memória objetiva, morta, impessoal, favorece uma preocupação que, decerto, não é totalmente nova, mas que a partir de agora irá tomar os especialistas do saber com uma acuidade peculiar: a de uma verdade independente dos sujeitos que a comunicam". (Ibidem, 95).

Quando se fala da objetivação da memória como uma separação existente entre o conhecimento e a identidade pessoal ou coletiva, Pierre Lévy acredita que é o saber que deixa de ser apenas aquilo que nos é útil no dia-a-dia, o que nos nutre e nos constitui enquanto seres humanos membros de uma comunidade. Para o autor deste pensamento, a exigência da verdade, no sentido moderno e crítico da palavra, seria um efeito de "necrose parcial da memória social quando ela se vê capturada pela rede de signos tecida pela escrita". (LÉVY, Ibidem)

Os estudos sobre a escrita, a palavra e a memória são a abertura para um caminho que tece o objetivo de mostrar os suportes que mostram os testemunhos, principalmente quando esses estiverem enquadrados nos registros da história, das lembranças e acontecimentos.

A escrita, que vai dos poemas aos registros de Heródoto até chegar na difusão pós-Gutenberg. Os dados, trazidos dos diversos tipos de suportes que acumulam signos e representações de acontecimentos que são compartilhados de variadas formas. Todos com fatores sociais, representativos do próprio pensamento e períodos históricos.

É incontestável que, independentemente do valor artístico, epigráfico, histórico ou científico dos objetos dos cemitérios, memoriais, museus, bibliotecas, arquivos, salas de milagres e outros espaços representativos da memória, o modo de apresentação dos mesmos tem um papel importante.

A importância do cemitério reside no tipo de relação que mantém com o elemento humano. É na valorização dessa relação pela (s) comunidade (s) que se desenvolve os processos socioculturais. É precisamente essa relação que impregna o cemitério de vida e lhe confere um significado cultural, e a valorização é que lhe confere um significado social, deixando cair por terra a noção do "lugar dos mortos".

Descobrir e nutrir de vida o cemitério, através de trabalhos constantes de pesquisa, classificação, documentação, turismo, arquitetura, arte, paisagem, epigrafia, museografia, arquivologia e conservação, é perceber e evidenciar os seus significados através de uma linguagem adequada aos diversos interesses. E esses são alguns dos objetivos que possibilitam e preservam as memórias social, histórica e coletiva. (OLIVEIRA, 2014)

O cemitério, por exemplo, deve iniciar os seus visitantes no mundo das mais variadas fontes científicas, artísticas e culturais, e despertar em cada cidadão, não somente o interesse, mas também uma ativa simpatia; ensinar a conceber as questões contemplativas da arte e da cultura de uma maneira autônoma, despertar o gosto e a necessidade do prazer estético, principalmente quando percebemos que ele cataloga, conserva e expõe uma variação de temas que giram em torno da epigrafia, biografia, da arquitetura, da arte, da sociedade. (VALLADARES, 1972)

Para que haja um processo de apreensão sobre os temas focados em um cemitério, é necessário informação qualitativa sobre ele e um circuito expositivo que possibilite a contemplação. Ou seja, ambiente, espaço (com o possível conforto) e informação para o observador. Para tanto, faz-se necessário a apuração histórica e iconográfica do jazigo, mausoléu, carneira ou simples cova. Quanto mais possibilidade discursiva e imagética, no circuito, sobre os sepulcros, mais clareza terá o observador, pois enquanto

> plasmação do sentido, a comunicação mostra-se, então, como compreensão operante, pela qual se institui, ao mesmo tempo, o sentido e o seu modo de instituição. Dessa forma, extrapolando o restrito círculo do convívio vicinal e livrando-se da cadeia de determinações em que sempre esteve confinada, a experiência da comunicação revela, enfim, o seu sentido originário de mergulho radical na condição existencial da convivência. (VALVERDE, 2009).

Portanto, num cemitério, a experiência do ver, perceber, contemplar, aprender, apreender, revela-se na sensibilidade que, além de remeter ao passado, às lembranças,

proporciona o enriquecimento sobre a biografia, a história, a arte, a arquitetura e as práticas culturais, estejam elas ligadas ao local, à região ou a uma dimensão ainda maior, que reflete a nação e ao mundo.

Os espaços dos cemitérios, sobretudo os circuitos sepulcrais, devem ser vistos na sua integridade de época, estilo e pormenores, para que haja uma interação entre percepção e observação histórica, ou seja, contextualização, que seria a causa entre o apresentar, informar e o aprender. (BAUDRILLARD, 1973).

Hoje, cemitérios, memoriais, museus, arquivos, bibliotecas, redes televisivas, redes sociais digitais, tentam a missão de conservar o patrimônio cultural, apresentando informações diversas colhidas através da pesquisa científica e dos observadores que compartilham a turistas, estudantes de todos os graus e pesquisadores. Todo esse processo marca a contínua e diária troca que nada mais é do que o compartilhar da história do passado e hodierna, onde as práticas culturais, a ciência e a memória social projetam-se a cada instante.

> "Já não se trata apenas de discernir, acumular e comercializar dados e informações, mas, sobretudo, de processá-los de forma cada vez mais diferenciada, cada vez mais excêntrica. A informação a ser obtida de dados "brutos" depende, para fazer efeito, de processos de comunicação criativos. De outro modo os dados ficam mortos, inatualizados, e a informação emergente se torna inútil. O seu significado deve ser criado, inventado, em atos comunicativos.[9] Sem comunicação, a informação efetiva, aquela que realmente "faz a diferença" fica encoberta, indistinguível, apenas armazenada em memória psíquica e arquivos mediáticos. Ela é apenas informação potencial, e não chega a ser significativa, ela não se torna real. A realidade social não tem outra maneira de se expressar a não ser em forma de comunicação" (STOCKINGER, 2001, p. 2)

O conteúdo social e cultural que os cemitérios disponibilizam através das suas fontes arquivísticas e museológicas não se prende apenas ao olhar do visitante, do turista ou dos familiares, estejam eles na dor da saudade ou na prática dos registros e da conservação de um sepulcro. Esse conteúdo está presente em dois pontos científicos:

[9] "No espaço do saber, cada descoberta é uma criação". (LÉVY, 1999, p.175).

a) imanente aos documentos/testemunhos/objetos que são pesquisados e que trazem fatos, acontecimentos, valor social, representatividade etc.

b) e o possível retorno de trabalhos dos observadores e pesquisadores à sociedade, à academia e ao próprio cemitério, que enriquecerá o conteúdo informacional nas suas ações do circuito dos acervos e, consequentemente, mais informações destinadas à educação, exposição e documentação.

Os variados acervos cemiteriais e as fontes arquivísticas dos cemitérios são trabalhados para a informação, para a sua apresentação ao público, e por isso devem ser evidenciados em sua totalidade, de forma a aproximarem-se mais do público, com informações integralizadoras de outros referenciais. E perante a essas informações estão os ex-votos daqueles que creem nos milagres. Deles, reservamos três estudos de caso que se seguem e que, por estarem nos cemitérios, dispensam o sentido da morte, e fazem o contrário, pedem mais vida.

Caso 1. A cura no cemitério: testemunhos a São Roque

O cemitério de São Roque, nos Estados Unidos, situado à avenida Saint Roch, número 1725, em Nova Orleans, é um exemplo de patrimônio cultural não apenas pela arte que traz, mas pela crença que é consagrada, naquele espaço, a São Roque. O que proporcionou uma sala de milagres em sua devoção.

As visitações ao cemitério são abertas de segunda-feira a domingo, das 8:30h às 16h, nesse espaço, assíduo de crentes, turistas e pesquisadores, que tem a sua história iniciada com a pequena igreja da Santíssima Trindade em Faubourg Marigny, hoje já em ruínas e abandonada, na região do que já foi chamado de "Pequena Saxônia", uma vez que recebeu muitos imigrantes alemães que povoaram Nova Orleans durante a década de 1840. (HAVARD; VIDAL, 2003)

O cemitério foi fundado pelo reverendo P.L. Thevis em 1874. Durante um dos surtos de Febre Amarela em Nova Orleans. O santo padroeiro da proteção contra epidemias, São Roque, recebeu orações e foi solicitado, pela crença das pessoas, a proteger o povo de Nova Orleans durante o período epidêmico, quando ninguém da igreja do reverendo Thevis morreu da citada doença.

O reverendo, então, fundou o cemitério, como parte de sua promessa a São Roque. Ele prometeu que, se São Roque mantivesse seu povo seguro, construiria uma capela em louvor ao santo. O que aconteceu, e hoje a capela está dentro do Cemitério de São Roque, que é bem mantido pela congregação atual e é usado ativamente hoje.

A capela – mal conservada, mas muito utilizada -, é uma sala de milagres – é particularmente notável pelas solicitações e ex-votos deixados para aqueles em reconhecimento às orações pelas graças solicitadas e as alcançadas. Juntos a essas

"graças" – que se constituem de objetos votivos e ex-votivos -, em uma pequena área, atrás de um portão de ferro, há fileiras de pernas protéticas, pés e pernas de gesso, dentes e pares de olhos artificiais em parafina, gesso e plástico, santos em gesso em miniatura e velas em diversos tamanhos. (v. imagem 1)

Imagem 1. Ex-votos da capela do cemitério de São Roque
Fonte: https://www.saveourcemeteries.org/cemeteries/cemeteries/st-roch-nos-1-2.html
Acesso em 20 de janeiro de 2021

A capela, inaugurada em 1867, homenageia o santo a quem está associada a boa saúde e cura. E vale notar que ela própria é um ex-voto, pois foi construída em promessa ao santo, tal qual temos, no Brasil, a igreja do Bomfim, em Salvador, e a de Matosinhos, em Congonhas, Minas Gerais. Essas duas brasileiras do século XVIII, construídas em promessa e louvor ao Bom Jesus. A diferença está na razão das suas concepções ex-votivas. A do Bomfim, na Bahia, foi erguida em agradecimento pela superação de um naufrágio de portugueses que chegavam a Salvador. A de Minas Gerais, concebida por ter o seu solicitante, também português, salvo de uma doença.

A história de São Roque começa na França. Roque teria nascido em meados do século XIV, em Montpellier, Maiorca – agora parte da França. Para o povo daquele século, Roque, além de cuidador de animais doentes, cuidou e teria curado vítimas da peste na Itália. E foi associado, em crença, a São Lázaro, o santo que é tido como padroeiro das pessoas que possuem doenças de pele, principalmente àqueles que tiveram ou possuem a hanseníase.

Embora perto de 40.000 pessoas em Nova Orleans tenham sucumbido à febre amarela em 1853, a comunidade do Padre Thevis não registrou perdas. (HAVARD; VIDAL, 2003) O reverendo, portanto, cumpriu sua parte na graça ao santo e construiu a

Capela em louvor a São Roque, tendo ao seu redor o cemitério, cujos portões foram abertos ao público em 1876.

Até hoje a sala dos ex-votos se enche de objetos votivos e ex-votivos deixados em desobriga por aqueles que precisam de cura – bem como por pessoas que oraram a São Roque e se recuperaram. As placas que forram o piso da sala possuem a inscrição "Thank" ("obrigado"), que seria o mesmo dito no Brasil para "Graça recebida"[10]. Chão que sempre se mostra repleto de moedas deixadas por aqueles que "ofertam" ao santo. Suspensórios infantis, muletas e membros falsos revestem as paredes, intercalados com mãos de gesso, em oração, rosários e estatuetas, completam o acervo eclético e efêmero, típico de uma sala de milagres, com grande variação, que também traz estatuetas de santos e personalidades, ocasionalmente, carregados de significado pessoal ou colocados ali por louvor. (v. imagem 2)

Imagem 2. Votos e ex-votos da capela do cemitério de São Roque
Fonte: https://www.saveourcemeteries.org/cemeteries/cemeteries/st-roch-nos-1-2.html
Acesso em 20 de janeiro de 2021

Ainda na sala, uma escultura em tamanho natural, de cerca de 1,58 m, em gesso, representando Santa Luzia chama a atenção. A imagem, embora em estado carente de

[10] Desde o início do Projeto Ex-votos, e no percurso por todo o Brasil, vimos o termo "Graça Recebida" em português, "Grazia ricevuta", em italiano, sobretudo no Vali do Itajaí, em SC, ou "Em agradecimento a..." em placas ex-votivas de diversos lugares.

restauração, traz a santa em base simples, quadrada, encimada pelo corpo esguio voltado para frente e vestido com manto que cai dos ombros aos pés calçados. As suas cores já estão desgastadas pelo tempo, clima e má conservação. Santa Luzia tem o seu braço esquerdo levemente elevado em fronte e traz na sua mão um prato com dois olhos humanos esculpidos em gesso, símbolo principal da sua iconografia. Pescoço médio, cabeça ovalada, a santa tem olhar frontal, firme, como em atenção a algo. (v. imagem 3)

Imagem 3. Ex-voto a Santa Luzia.
Cemitério de São Roque.
Fonte: Maria Clara Assis.
https://www.instagram.com/mariagem_restauro/?igshid=1qi0au6hie0ys
Acesso em 21 de dezembro de 2020

Certamente que a pessoa que dedicou essa imagem de Santa Luzia, numa capela de São Roque, o fez em menção aos olhos, já que se trata de uma entidade superior protetora das pessoas que sofrem de algo nas vistas. (CUNNIGHAM, 2011) A imagem é mais uma prova da diversidade dessa pequena sala de milagres que, mesmo mal conservada, apresenta a esperança e a salvação, e em pouco reflete na concepção simplista ou determinista sobre o cemitério, explicitando a salvação dos males que podem matar.

Cemitério da Consolação: Graças pedidas, graças atendidas

Fundado em 1858, o cemitério da Consolação, que é o considerado o décimo quarto maior espaço cemiterial do estado de São Paulo[11]. Além de ser considerado um espaço cemiterial de famílias ricas, com o passar dos tempos, e por muitas pessoas e setores das ciências sociais e humanas, arquitetura e artes, passou a ser visto como um museu a céu aberto, isso porque possui um riquíssimo acervo de obras de artistas e de túmulos de pessoas famosas da história do Brasil, como o escritor paulista Monteiro Lobato; membros da tradicional família Matarazzo, cujo mausoléu é considerado o maior da América Latina, com 23 m de altura e dois subsolos; o paulista, quarto presidente do Brasil, Campos Sales; o cantor e compositor sertanejo Mário "Zan" (acordeonista italiano radicado no Brasil, famoso por compor o hino comemorativo do IV Centenário da cidade de São Paulo); a artista plástica paulista Tarsila do Amaral; o ex-governador de São Paulo, Bernardino de Campos; a Marquesa de Santos, Domitila de Castro Canto e Melo; o poeta, romancista, musicólogo, historiador da arte, crítico e fotógrafo paulista, Mario de Andrade; a Doutora Ruth Cardoso, antropóloga, paulista, esposa do Presidente Fernando Henrique Cardoso; a paulista e incentivadora do modernismo no Brasil, Olívia Penteado; o poeta, escritor, ensaísta e dramaturgo paulista Oswald de Andrade; o arquiteto paulista Ramos de Azevedo; o advogado, Jornalista, escritor e abolicionista baiano Luiz Gama; o engenheiro, empresário, Político e historiador fluminense Robert Simonsen; o mineiro, Jornalista, Jurista, Escritor, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) Afonso de Melo Franco; o paulista Abreu Sodré (ex-Governador de São Paulo) ; o campinense, jornalista e empresário, fundador do jornal O Estado de São Paulo, Júlio de Mesquita, e tantas outras pessoas que ganharam fama e *status* em São Paulo.

Mas neste grande e imponente cemitério há duas sepulturas que não retratam somente o *post mortem*. Ao contrário, em primeira busca pelos visitantes, e falamos aqui de um público seleto, está a procura pela bênção por uma graça que se quer ou que foi alcançada. São sepulcros que, ao contrário dos acima mencionados, não ganham a fama pelo *status* que tiveram na sociedade paulista ou paulistana. Falamos das sepulturas de Antônio da Rocha Marmo e de Maria Judith de Barros.

[11] Informação do site oficial Cemitério.net. Disponível em http://www.cemiterio.net/maiores-cemiterios-de-sao-paulo/, acessado em 27 de março de 2021.

Caso 2. A cura e a devoção a Santo Antoninho

O menino Antônio da Rocha Marmo, um paulista, é conhecido popularmente como Santo Antoninho e considerado "servo de Deus". Tem o seu túmulo localizado na quadra 80, terreno 6 (Q.80, T.6) (v. Imagem 4)

Imagem 4. Túmulo de "Santo Antoninho".
Foto do autor. 2019

Antônio, nasceu em São Paulo, em 9 de outubro de 1918. De família católica, foi uma criança que, no pouco percurso de vida, foi acometida de doenças, principalmente da tuberculose. Mas um menino que, para os seus familiares e os mais próximos, possuía o dom de perceber o futuro. Segundo consta, ele previu a sua própria morte[12].

Por ter tais dons reconhecidos por pessoas próximas – o que foi divulgado e disseminado por onde vivia e por outras regiões do interior de São Paulo – o garoto passou a ser venerado e reconhecido por possíveis milagres, daí, por muitos, ser considerado "bento". Tal veneração popular aumentou com a sua precoce morte, em 21 de dezembro de 1930, na cidade de São Paulo, em decorrência da tuberculose, que na época era pouco enfrentada.

[12] Informações colhidas no Memorial Antoninho da Rocha Marmo em São José dos Campos, São Paulo, em 2019.

A Igreja Católica abriu o processo de beatificação de Antônio da Rocha Marmo em 2007[13], que é considerado o primeiro passo para tornar santo o garoto morto na década de 1930, e que hoje tem o seu túmulo, no Cemitério da Consolação, recebendo diariamente grande número de visitantes que, em desobrigas, colocam ex-votos em formas de cartas em papel e placas de agradecimentos de diversos materiais. Outros fazem pedidos por uma graça que pretendem perante o reconhecimento e confiança no beato popular. (Imagem 5) As cartas e bilhetes em papel sucumbem pelas intempéries diárias. Muitas das placas foram e são cimentadas nas laterais e encimadas à construção tumular.

Imagem 5. Túmulo do "Santo Antoninho". Placas ex-votivas
Foto do autor. 2019

Segundo a administração do Cemitério da Consolação, em 2019, o túmulo de Antoninho recebeu, por mês, a visita de 1.000 pessoas. O seu túmulo passou a ser uma espécie de altar a ponto de atrair muitas pessoas vindas de várias partes do estado de São Paulo e de outras regiões do Brasil para fazer pedidos ou para a desobriga de mais um ex-voto ao redor ou em cima da construção tumular, que já conta com trezentas e cinquenta

[13] Em 2013, em entrevista com a irmã Célia Cadorin (1927-2017), que participou os processos de canonização do Frei Galvão e Madre Paulina, mas que não trabalhou no processo de Antônio, a freira disse ser grande a chance de Antônio Marmo vir a ser canonizado, já que a igreja iniciou e "está no começo da fase de preparação do levantamento de documentos e testemunhas no cemitério" para o processo de beatificação seguir.

placas ex-votivas coladas ao seu redor, em louvor a uma criança que suplicava aos altares da igreja e que chegou a fazer juras e a idealizar um sanatório à saúde pública (v. Imagem 5), e que, certamente, nesse período de pandemia em que vivemos desde março de 2020, muitos pedidos e "pagamentos" estarão ao seu túmulo, baseado nos processos de cura e de pagamento de acorrem aos santuários, sala de milagres, cruzeiros e cemitérios que possuem "santos milagreiros" envolvidos em doenças.

Caso 3. Graças pelos estudos

O terceiro caso é reservado à história de Maria Judith de Barros, que a cada ano vai ficando popular entre candidatos dos vestibulares e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e de outros concursos estudantis pelo Brasil. Placas em agradecimento a vagas alcançadas em universidades fazem a fama da mulher que morreu há oitenta e três anos e tem o seu sepulcro à rua 26, lado direito, terreno 40 do Cemitério da Consolação. (v. Imagem 6)

Muitos comparecem ao cemitério para fazer pedidos. Outros para colocar as suas placas, canetas, cartões de identificação do concurso vestibular e cartas em papel de agradecimento. Atualmente, no Brasil, Maria Judith de Barros é popularmente conhecida como santa protetora dos vestibulandos, mesmo que tenhamos, em seu túmulo pedidos e ex-votos com as temáticas dos problemas de relacionamento conjugal e da casa própria.

Imagem 6. Placas votivas e ex-votivas no túmulo de Maria Judith.
Cemitério da Consolação.
Foto do autor. 2013

Em 2013, pelo Projeto Ex-votos das Américas, quando, por dois dias estivemos no Cemitério da Consolação, visitamos o arquivo local, e não conseguimos qualquer registro que atestasse os dados de nascimento da senhora Maria Judith. Entre a documentação para o sepultamento, não havia nem mesmo uma fotografia, seja em vida, seja falecida. O seu sepulcro é mais um que entra nas estatísticas dos túmulos de anônimos, embora nomeado e com tamanha difusão em São Paulo.

O pouco que se sabe sobre Maria Judith de Barros, é de que ela era acometida de uma doença degenerativa. E além desse mal, há relatos de que sofria muito em seu casamento, com narrativas de constantes violências que sofria do seu marido[14].

No registro do arquivo do Cemitério da Consolação está, entre outros dados pessoais, o seu falecimento, em 26 de novembro de 1938, "vitimada por agressões". Tal violência, possivelmente do cônjuge, o que certamente contribuiu para agravar o seu quadro de saúde frágil causado pela doença degenerativa. (v. Imagem 7)

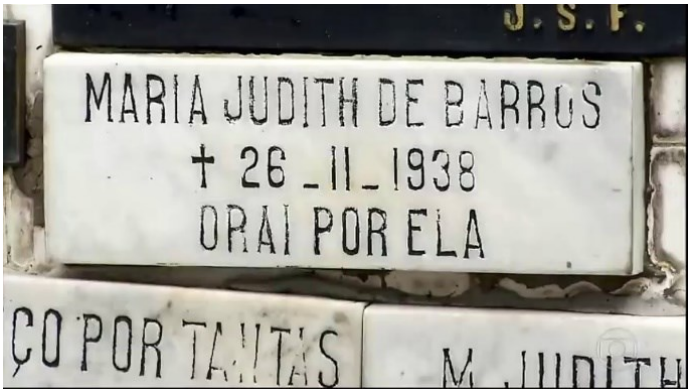

Imagem 7. Placa informativa do falecimento da senhora Judith
Foto do autor. 2013

As informações que obtivemos, foram de que, logo após o sepultamento da senhora Judith, uma pessoa, em preces sobre o túmulo, colocou a primeira placa em agradecimento a uma graça alcançada, cujo pedido fora feito em reverência à Judith, assim vista como intercessora do que precisava. A partir de então, pessoas passaram a

[14] Entrevista com Francivaldo Gomes, guia do circuito turístico do Cemitério da Consolação. Francivaldo é popularmente conhecido como "Popó", em 15 de março de 2013. Foram tentados dados e informações em época, e pelo presente momento, com vasto rastreio na internet. Sem sucesso sobre a senhora Judith.

frequentar, com louvores, pedidos e agradecimento, à sepultura de uma mulher que, por seus sofrimentos, era já vista como "santa".[15]

Na década de 2001, vestibulandos do estado de São Paulo, sobretudo os que concorriam à USP (Universidade de São Paulo), principalmente ao curso de Medicina, adotaram a santa. (v. Imagem 8) Esse advento aconteceu quando, naquela época, muitos alunos do antigo segundo grau, e pré-vestibulandos, faziam as visitas guiadas em aulas de história e literatura, monitoradas por um mediador do cemitério, cujas explicações sobre "graças" pedidas e atendidas aconteciam em menção à Maria Judith de Barros, no túmulo mais visitado da rua 26 do cemitério.

Imagem 8. Placa ex-votiva. Sepultura de Maria Judith de Barros
Foto do autor. 2013

Conclusão

O leitor mais atento pode perceber que o título deste artigo foi inspirado em uma frase que pode ser encontrada em dois cemitérios e em um filme.

No cemitério de Paraibuna, em São Paulo, está: "Nós que aqui estamos por vós esperamos". Em Évora, Portugal, na entrada da Capela dos Ossos: "Nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos". E o brilhante filme documentário de Marcelo Masagão, de 1999, que tem como título "Nós que aqui estamos, por vós esperamos".

As três frases são elementares, no sentido da morte e dos que estão sepultados num cemitério. Morremos, estamos aqui sepultados, um dia será você! Seria isso, dentro de uma lógica da vida à morte, principalmente se ativermos às frases do cemitério de

[15] Entrevista com Francivaldo Gomes, guia do circuito turístico do Cemitério da Consolação.

Paraibuna e na Capela dos ossos de Évora. Já no filme documentário, o autor tece, a partir da noção de cemitério, elementos da história, da memória, da poesia e de identidades, onde todos nós somos atores de um mundo só.

Neste artigo, não refletimos a morte no cemitério, mas a vida. A vida melhorada, salva pelo milagreiro, pelo santo e santa, pelo beato e beata popular. A vida acolhida àquele que está no "espaço dos mortos" e que, de lá, ajuda, ou pelo menos colabora nas conquistas e vitórias pelo bem material, pelo caminho imaterial, pela saúde.

No cemitério, além do patrimônio histórico, arquitetônico, artístico, epigráfico, museológico e cultural, estão as biografias de que podemos, não apenas conhecer mais da nossa história – seja ela local ou global -, mas de elementos que nos elevam ou que, pela crença, nos tornam mais felizes e capazes de realizar os nossos sonhos, a nossa vida.

Espaços pequenos, médios e grandes, que guardam sepulcros procurados não pela lamentação, mas pelos significados que nos trazem para a salvação, a alegria, ao prazer maior de viver. Pois neles não está o final, mas a esperança de um recomeço. E daí a causa daqueles que estão ali para nos salvar.

Referências

ASSIS. M. C. *Restauro.*
Disponível em https://www.instagram.com/mariagem_restauro/?igshid=1qi0au6hie0ys. Acesso em 21 de dezembro de 2020

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos***.** São Paulo: Perspectiva, 1973. 235 p. (Debates 70)

CARRASCO, G. L. de Andrade; NAPPI, S. C. Branco, "Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo". In: *Museologia e Patrimônio***.** v.2, n.2. Jul/dez de 2009. Disponível em:
http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/60.
Acesso em 31 de janeiro de 2021

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 07 de janeiro de 2021

CUNNIGHAM, Lawrence S.. *Uma Breve História dos Santos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

HALBWACHIS, M.. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Concepción, Caracas: UCV, 2004. 431p.

Francivaldo é popularmente conhecido como "Popó", em 15 de março de 2013.

HAVARD, Gilles; VIDAL, Cécile. *Histoire de l'Amérique Française*. Paris: Flammarion, 2003

LÉVY, Pierre. *Cibercultura***.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1999a. p. 145-155

MAGNO, Gilson et al. (Orgs.). *Memória e Epigrafia*. Salvador: Vento Leste, 2014, v. 1.

MARTINS, Moisés A. de L.. "Do local ao nacional. As figurações da memória e a sua lógica social". In**:** MAGNO, Gilson et al. (Orgs.). *Memória e Epigrafia*. Salvador: Vento Leste, 2014, v. 1.

OLIVEIRA, J. C. A.. "A memória social: da epigrafia ao SMS". In : MAGNO, Gilson et al. (Orgs.). *Memória e Epigrafia*. 1ed.Salvador: Vento Leste, 2014, v. 1, p. 19-46.

SAVE OUR CEMETERIES. Disponível em: https://www.saveourcemeteries.org/who-we-are/mission.html. Acesso em 27 de janeiro de 2021.

Projeto Ex-votos das Américas: etapa América do Norte. Disponível em https://projetoex-votosdobrasil.net/nucleo-de-pesquisa-dos-ex-votos/. Acesso em: 27 de janeiro de 2021.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia da Letras, 1991. 448 p. il.

STOCKINGER, Gottfried. "Para uma teoria sociológica da comunicação"**.** In: *BOCC*. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/stockinger-gottfried-teoria-sociologica-comunicacao.pdf. Acesso em 03 de janeiro de 2021

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 11 ed. São Paulo: UNESP, 2009

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros: um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas***.** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional; Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1972

VALVERDE, Monclar. "Uma Hermenêutica da Sensibilidade". In: VALVERDE, Monclar. *Estética da Comunicação*. Salvador: Quarteto, 2009.